

A organização do treinamento esportivo dentro do espaço escolar e possibilidades para um cenário pós-pandemia

The organization of sports training within the school space and possibilities for a post-pandemic scenario

212

Lorena Silva Santos*

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre possibilidades de treinamento esportivo na escola e o impacto que isto pode ter nos âmbitos, físico, social, escolar dos alunos; especialmente levando-se em consideração o atual contexto de pandemia. Para tanto, buscou-se descrever a dinâmica e organização dos treinos nesta escola, compreender qual a percepção do professor/treinador diante do atual cenário de pandemia e fazer o exercício de criar perspectivas para o esporte escolar quando as atividades esportivas coletivas forem liberadas na escola. Este estudo justifica-se pela necessidade de analisar as etapas de construção e execução dos planejamentos das oficinas de treinamento esportivo escolar; tendo em vista assegurar consequências positivas a curto, médio e longo prazo para os envolvidos. Trata-se um estudo de caso exploratório, onde foi utilizada como amostra um colégio da rede pública estadual de ensino da cidade de Rio Real - Bahia.

Palavras-chave: Treinamento esportivo. Competições escolares. Pandemia COVID-19.

Abstract: The objective of this sports article is to reflect on the possibilities of school training and the impact that this can have on the physical, social, and school environments of students; taking into account the current context of the pandemic. To this end, we sought to describe a dynamics and organization of training in this school, to understand the perception of the teacher/coach in the face of the current pandemic scenario and to do the exercise of creating perspectives for school sports as collective sports activities previously released at school. This study is justified by the need to analyze the stages of construction and execution of plans for school sports training workshops; With a view to ensuring long and positive short and medium terms for those involved.

* Licenciada em Educação Física (Universidade do Estado da Bahia), Especialista em Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar (Faculdade Venda Nova do Imigrante). E-mail: lorenasantos.doc@gmail.com.

Recebido em 30/03/2022

Aprovado em 28/05/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



This is an exploratory case study, where a school in the state public school system in the city of Rio Real - Bahia was used as a sample.

Keywords: Sports training. School competitions. COVID-19 pandemic.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do COVID-19 que foi ganhando força ao redor do mundo a partir do final do ano de 2019, fez com que em março de 2020 as aulas presenciais fossem suspensas. Rapidamente, professores e alunos precisaram se adaptar a uma nova realidade. No contexto da rede pública de educação do Estado da Bahia, inicialmente muitos colégios aderiram à ação chamada de “atividades solidárias”. Esta ação não contou como carga horária nem possuía caráter avaliativo, mas tinha como objetivo não perder contato com os alunos e minimizar prejuízos no processo de ensino-aprendizagem. Em março de 2021, foi determinada as atividades remotas. No colégio onde foi realizada esta pesquisa, as aulas ocorreram através aplicativos de videoconferências, de mensagens instantâneas, formulários, sala de aula virtual, entre outros recursos à escolha do professor. Para os alunos de zona rural e/ou que não possuíam acesso à internet, foram disponibilizados roteiros de atividades impressas.

Em julho, determinou-se as aulas híbridas, ou seja: o aluno continuava realizando atividades online, mas também frequentava o colégio para aulas presenciais em dias alternados da semana. Para tentar manter o distanciamento social, cada turma (que possui normalmente em torno de 40 alunos), foi dividida pela metade.

Neste contexto tão delicado, as aulas de Educação Física precisaram (e ainda precisam) de um cuidado e planejamento ainda maior. Quanto às oficinas de treinamento esportivo, até o momento em que este artigo foi concluído, permaneciam suspensas. O esporte, como elemento pedagógico, não é uma estratégia contemporânea. Segundo Bahia et. al. (2020):

Desde a Grécia antiga as atividades esportivas faziam parte do ideal grego de formação do Homem, considerado como um dos três pilares da educação da criança e do jovem. Posteriormente reinventado no século XIX, com a reedição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o esporte se transformou em um novo elemento pedagógico, importante no desenvolvimento do indivíduo, sobretudo das elites.

Entende-se, atualmente, que a possibilidade de praticar um esporte é (ou deveria ser) democrática e não somente restrita às elites; por essa razão fica evidente a importância das oficinas de treinamento esportivo dentro da escola pública.

Sendo assim, levanta-se como questão norteadora desta pesquisa: depois de um período de quase um ano e meio de aulas remotas, quais as perspectivas das oficinas de treinamento esportivo escolar?

As hipóteses iniciais eram de que no retorno com as aulas híbridas, os alunos/atletas estivessem desmotivados, ou talvez, por outro lado, houvesse uma grande ansiedade e expectativa em torno da volta das oficinas de treinamento esportivo. Como neste primeiro momento as atividades coletivas ainda não foram autorizadas, o professor/treinador deve se preparar e criar estratégias para lidar com ambos os cenários.

O objetivo deste artigo é refletir sobre possibilidades de treinamento esportivo na escola e o impacto que isto pode ter nos âmbitos, físico, social, escolar dos alunos; especialmente levando-se em consideração o atual contexto de pandemia. Para tanto, buscou-se descrever a dinâmica e organização dos treinos nesta escola, compreender qual a percepção do professor/treinador diante do atual cenário de pandemia e fazer o exercício de criar perspectivas para o esporte escolar quando estas atividades esportivas coletivas forem liberadas na escola.

Considerando a importância que o esporte possui tanto no contexto escolar quanto pessoal na vida do atleta/aluno, este estudo justifica-se pela necessidade de analisar as etapas de construção e execução dos planejamentos das oficinas de treinamento esportivo escolar; tendo em vista assegurar consequências positivas a curto, médio e longo prazo para os envolvidos.

Este é um estudo de caso exploratório, onde foi utilizada como amostra um colégio da rede pública estadual de ensino da cidade de Rio Real - Bahia. Para iniciar o levantamento de dados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e em seguida a técnica da entrevista estruturada com o professor responsável pelas oficinas de esporte na instituição.

2 METODOLOGIA

A presente investigação está incluída na abordagem qualitativa, que para Denzin e Lincoln (2000, p.1) se traduz por uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Isso quer dizer que pesquisadores qualitativos estudam coisas em seu cenário natural, buscando compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele.

Enquadra-se também como um estudo de caso exploratório, que segundo Gil (1991, p.41) “(...) têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”

O ponto inicial de qualquer investigação científica, e aqui não foi diferente, é o levantamento de dados. Preliminarmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que se trata da leitura e análise de trabalhos científicos já existentes sobre o assunto; o que inclui publicações avulsas, livros, jornais, revistas, vídeos, internet, entre outros (BONI e QUARESMA, 2005). O segundo passo foi contatar o professor responsável pelas oficinas de treinamento esportivo do colégio onde foi realizada esta pesquisa (onde a autora também leciona) a fim de alcançar uma aproximação ainda maior, mais detalhada e mais direta com o tema abordado.

Para tanto, foi apresentada a proposta de pesquisa ao professor e solicitada a realização de uma entrevista, realizada através de videoconferência; visto que a autora e o professor em questão trabalham no colégio em dias diferentes e também residem em cidades diferentes. Esta entrevista constou de 14 perguntas sobre os detalhes de como são organizados os treinos das oficinas de esporte, os impactos percebidos pelo professor na vida do estudante e possibilidades em um contexto pós pandemia.

2. 1. Instrumento de coleta de dados

O moderador/pesquisador deve ser perspicaz e utilizar-se de técnicas investigativas para auferir opiniões, experiências, ideias, necessidades, preferências entre outras informações (GOMES E BARBOSA, 1999). Para coletar dados que não seriam possíveis ou suficientes apenas através da pesquisa bibliográfica, o pesquisador pode se utilizar de diversos recursos; cabe ao

mesmo determinar qual se ajusta melhor às particularidades do seu trabalho . Neste caso, decidiu-se pela técnica da entrevista, pois permite colher dados objetivos e subjetivos. De acordo com Haguette (1997, p. 86) é “(...) um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Ademais, para Ribeiro (2008, p.141)

A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Segundo Boni e Quaresma (2005, p.73), as entrevistas estruturadas “(...) são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas”. A fonte oral é “(...) uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória” (SELAU, s/d). Como instrumentos de coleta de dados, as fontes orais e os documentos escritos não se excluem, pelo contrário, muitas vezes se completam, como neste estudo. As fontes orais proporcionam inteirar-se de informações, impressões e vivências a que de outra forma não se teria acesso. Portanto, possuem grande relevância; resguardando os cuidados e a organização com a entrevista e sua transcrição.

2.2. Instrumento para análise de dados

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que segundo Deslandes et. al. (1994, p.74) possui duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. Foram seguidas cronologicamente as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação, conforme os autores sugerem. Além de classificados em categorias e subcategorias, os elementos presentes nas mensagens foram decompostos em unidades

de registro, que podem ser tanto uma palavra, uma frase ou uma oração. Em seguida também foram definidas as unidades de contexto; o que significa, como o próprio nome sugere, situar as mensagens em seu contexto, a partir de uma referência (DESLANDES et. al., 1994, p.75-76).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A instituição onde foi realizada este estudo é um colégio público da rede estadual que atualmente atende a mais de 1200 alunos matriculados no Ensino Médio, localizado na cidade de Rio Real – Bahia.

Para uma melhor compreensão, se faz necessário ressaltar o contexto desta pesquisa. Este trabalho foi realizado após um período de um ano e quatro meses de aulas remotas devido à pandemia do COVID-19. Em seguida, as aulas retornaram no modelo híbrido, onde as turmas (que possuem em média 40 alunos) foram “divididas” pela metade e frequentavam as aulas presenciais em dias alternados de forma que o distanciamento social pudesse ser realizado. A metade da turma que estava em casa recebia o material de forma online; ou até mesmo impressa, em casos especiais quando o aluno não possuía acesso à internet.

Nesse contexto, as aulas práticas de Educação Física necessitaram de um cuidado ainda maior. A orientação da Secretaria de Educação do Estado da Bahia através do documento Protocolo de Biossegurança da Fase Híbrida - Roteiro de Formação (p.7, 2021) foi que durante o período de aulas híbridas, nas atividades práticas de Educação Física fossem realizadas

[...] atividades e esportes individuais, adaptados para manter o distanciamento” e “não realizar atividades coletivas (como jogo de futebol e basquete) que impliquem contato entre estudantes ou o manuseio de um mesmo objeto (como a bola).

Considerando questões éticas e de privacidade, a entrevistadora decidiu que o nome do professor entrevistado será preservado. Consciente disto, a narrativa do entrevistado seguiu então de maneira livre e fluida.

O professor em questão leciona neste colégio como professor efetivo de Educação Física desde 1998. Leciona pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e também trabalha pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, além de ser técnico nível internacional pelo Comitê Paralímpico em natação.

As oficinas de treinamento esportivo já estavam implementadas no momento em que ele assumiu o cargo. As aulas de Educação Física, eram exclusivamente práticas e realizadas no turno oposto. Observa-se, de acordo com o depoimento, que a linha entre a aula de Educação Física e o treinamento esportivo era muito tênue:

Na verdade, anteriormente a mim, o trabalho de Educação Física era só prático, no turno oposto. Era aquele trabalho bem tradicional. Foi transformado para um trabalho mais tecnicista, mais embasado em princípios. E também era um trabalho técnico o que se fazia, mas era um trabalho que não era educativo, era um trabalho apenas de mecanismos esportivos que eram usados para os alunos participarem das aulas. Formava-se as equipes, e só se tinha aulas práticas no turno oposto. Quando eu entrei foi que aconteceu a modificação, porque eu tinha que trabalhar em sala de aula e trabalhar também a parte prática, e a oportunidade também que me deram de trabalhar com as oficinas de esportes porque existia essa demanda no currículo de Educação Física da escola. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

Aqui temos uma problemática muito importante. É essencial fazer a diferenciação entre a aula de Educação Física como componente comum no currículo escolar e o treino esportivo. O esporte é apenas um dos elementos da cultura corporal que são âmbito de atuação da Educação Física, juntamente com a dança, a ginástica, os jogos, as lutas e a capoeira. Portanto, Educação Física não se resume ao esporte escolar, a despeito de ainda hoje ser muito comum alunos e até mesmo professores cometerem esse equívoco de interpretação. Também é importante ressaltar que nem todos os estudantes desejam ser atletas e que as aulas de Educação Física não devem ser uma “extensão” do treino. Por outro lado, é importante que o aluno tenha a oportunidade de praticar esportes regularmente, se desejar. A iniciativa de implantar oficinas esportivas contribui para a valorização e disseminação do esporte:

Na mesma direção quando chamamos de esporte escolar aquele praticado no contra turno da educação física, destacamos o caráter unitário do projeto pedagógico da escola. Isso significa planejar e executar uma educação esportiva de qualidade, garantido o acesso de todos os estudantes à prática e ao conhecimento do esporte. De um lado, aumentam as

chances de prática esportiva, pois há um aumento da carga horária de conteúdo (aumento do número total de aulas – educação física somada ao esporte escolar), de outro, em função deste aumento, uma valorização do conteúdo específico da educação esportiva. O caráter desafiador torna-se permanente na medida em que ainda convivemos com uma estrutura esportiva hierárquica e centralizadora. (SCAGLIA, MEDEIROS E SADI, 2003, p.4)

Sendo um elemento essencial para que as oficinas de treinamento esportivo aconteçam de forma efetiva, é importante também levar em consideração o espaço onde acontecem os treinos, a quadra do colégio. Inicialmente (em 1998), existia uma quadra pequena, sem cobertura, além de um alambrado quebrado e piso com buracos que danificavam constantemente o material. Reparos e pinturas eram necessários constantemente, especialmente antes dos jogos internos. A altura baixa do alambrado contribuía para a perda de bolas, que caíam na rua ou nas casas vizinhas e não eram devolvidas. Tudo isto dificultava o trabalho.

Posteriormente, conseguiu-se aumentar a comprimento da quadra, e foi construída a cobertura e uma arquibancada lateral, o que melhorou as condições para alunos e professor. Quando a autora assumiu a vaga de professora efetiva de Educação Física neste colégio em 2019, essas mudanças já haviam sido feitas. Recentemente, foi instalada iluminação. Porém, mesmo com todas essas melhorias, a estrutura ainda não é a ideal. O piso ainda não é o mais adequado para a prática de esportes levando em consideração o conforto dos alunos e a preservação do material.

Na escola, é importante inculcar nos alunos conceitos como cooperação e respeito. A competição trabalhada de forma cuidadosa pode se tornar um importante recurso educacional que o professor de Educação Física e/ou o treinador das oficinas de esporte pode considerar, como se vê no trecho abaixo:

Nesta perspectiva ao se discutir o ensino de esportes não se pode descartar a necessidade de se ensinar a competir, pois a competição como um conteúdo do planejamento do professor pode enriquecer/incrementar o processo de ensino. As competições pedagógicas e os festivais esportivos tanto em aulas de educação física como em aulas de treinamento, constituído como conteúdo de ensino, são partes integrantes do projeto pedagógico da escola, podendo, portanto, ser compreendido como possibilidade educacional, como ferramenta de intervenção. (SCAGLIA, MEDEIROS E SADI, 2003, p.2)

Neste colégio, são oferecidas oficinas esportivas das quatro modalidades de quadra: futsal, voleibol, handebol e basquetebol. Próximo ao período de competições, também são oferecidos

alguns treinos de futebol de campo. As competições para as quais os alunos/atletas se preparam possuem basicamente três focos: o primeiro, são os jogos internos, onde as turmas do próprio colégio formam times e competem entre si. Em geral, esse evento dura entre uma e duas semanas, pois depende da quantidade de times e número de jogos. As aulas ocorrem normalmente nos primeiros horários, e os jogos são realizados nos últimos. Geralmente existe uma grande mobilização de alunos, e por vezes, também de professores de outras matérias e gestão.

Em seguida, acontece o JERP (Jogos Escolares da Rede Pública do Estado da Bahia). Este evento se estende por vários meses, devido às suas várias fases, porém a continuação da escola, evidentemente, depende da classificação para a fase seguinte ou não.

O terceiro foco são os Jogos Estudantis da Rede Municipal de Rio Real, que normalmente ocorrem no segundo semestre. São jogos bastante competitivos que mobilizam escolas particulares e públicas da cidade de Rio Real. Geram bastante engajamento dos alunos/atletas, por conta da quantidade de participantes, número de instituições de ensino participantes e número de jogos.

Os treinos têm duração entre uma hora e meia e duas horas, e acontecem duas vezes na semana. O planejamento sempre é feito visando as necessidades e a evolução técnica e tática dos alunos/atletas:

Se a gente vê que a parte técnica precisa ser melhorada mais em uma modalidade, então demandamos mais tempo nessa modalidade do que em outra. Depende muito da parte técnica a ser trabalhada, como está a questão técnica e tática do jogo. (Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)

O objetivo é sempre melhorar o nível técnico para que os alunos/atletas possam competir em igualdade de condições com alunos de outras instituições. Durante os treinos, são trabalhados os fundamentos, táticas e técnicas “um pouco mais complexas”, segundo o professor. Para montar os times que irão competir de fato, inicialmente é feita uma triagem levando em consideração a faixa etária e também são feitos testes para avaliar os alunos que estão em melhores condições de jogo naquele momento. A parte emocional/psicológica também é levada em conta. Este, inclusive, é um dos motivos da prática dos intercâmbios realizados pelo professor, pois além de domínio técnico, é necessário maturidade emocional para enfrentar um adversário de nível técnico bom.

Também é uma maneira de manter os alunos/atletas motivados, pois assim eles se preparam de forma prática para uma situação de jogo fora do cenário regular de competições.

Os intercâmbios são realizados com escolas da própria cidade, ou com colégios do estado de Sergipe (cidades de Aracaju e Estância). Quando o intercâmbio é fora da cidade, o professor e as equipes se organizam para ir até o local; quando é realizado dentro da própria cidade de Rio Real, é feito um acordo sobre onde se dará a atividade (se na própria quadra, ou na quadra do outro colégio).

Para além da competição, o professor/treinador deve sempre ter em mente que o objetivo das oficinas de esportes, mais do que ganhar troféus ou medalhas, é permitir que o aluno tenha experiências que lhe permitam viver situações de vitórias, derrotas, disciplina, controle emocional e parceria.

O ensino de esportes antes, durante e depois das competições é um desafio para os professores de educação física, já que nessa lógica o esporte torna-se um meio de educação e não um fim de competição. As competições podem marcar um sentido de congraçamento, de relação social complexa entre as pessoas, porque ela não inicia quando o árbitro apita o jogo, e não se encerram no próprio jogo, mas desde a preparação do evento passando por uma série de manifestações, de relações complexas, sociais e culturais, entre os estudantes, a partir de uma participação ativa e motivante garantida na organização e desenvolvimento da prática e do conhecimento do esporte. (SCAGLIA, MEDEIROS E SADI, 2003, p.5)

Outro fator muito importante a ser levado em consideração é justamente o perfil do próprio aluno. Ao longo desses mais de 20 anos de experiência do professor entrevistado, esse perfil mudou bastante. Nas suas palavras:

Antigamente a gente tinha um grupo mais coeso, mais unido, mais focado. Os alunos acordavam cedo para treinar, realmente era treino. Então a gente conseguia dar treino, porque tinha um quantitativo de alunos muito grande para selecionar. Você podia formar dois, três times de cada modalidade. Hoje não, mudou muita coisa porque o aluno tem pouco interesse em participar, ele coloca condições para participação, ele quer que a gente fique motivando o tempo todo com intercâmbios, com jogos... E o foco dele na verdade não é o aperfeiçoamento do gesto motor, ele quer partir para o jogo, ele não quer saber da parte de condicionamento físico. Então existem certas contrariações que a gente tem, é muito complicado hoje em dia. Mas isso ainda é possível reverter, depende muito da proposta que a gente tem. A gente consegue solidificar um pouquinho. Mas realmente a demanda diminuiu muito porque o jovem hoje não tem muito interesse; ele tem outros interesses, outros focos, na verdade. (*Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado*)

O professor menciona também o perfil técnico e comportamental considerado desejável para os seus alunos/atletas:

O perfil técnico é aquele cara que é mais equilibrado, que ele consegue não fazer um jogo egoísta, que sabe trabalhar em conjunto, que sabe trabalhar com o coletivo da equipe. Ele também deve ter o domínio dos fundamentos, ou pelo menos o domínio parcial dos fundamentos técnicos que aquela modalidade exige. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

O apoio dos demais colegas e da escola como um todo, também é um fator importante que interfere na motivação dos alunos/atletas. Sobre isto, o professor destaca:

Hoje o jovem não tem muito interesse em ir para a competição para assistir, para motivar, para gritar o nome da sua equipe e da sua escola. Hoje a gente percebe que o jovem vai com outras intenções. Muitas vezes intenções ruins, mas não todos, alguns vão para assistir realmente o que o jogo pode proporcionar de espetáculo. Também existe o quantitativo, se você não libera uma escola ou algumas salas de aula para assistir o jogo da equipe dele, da escola dele, realmente a quadra vai ficar quase vazia, vai ter pouca gente participando lá. Por que isso depende muito da gestão. Antigamente não, o pessoal que estava de folga, além das escolas levarem os alunos para a quadra, quase na íntegra, muitos professores desciam junto com os alunos. E ainda tinha o público que não era daquele turno de aula que prestigiava bastante e era uma rivalidade enorme. Então muita coisa mudou nesse sentido.

Quando questionado sobre o que poderia ser feito para melhorar este cenário, ele destaca especialmente o aspecto emocional do aluno: é necessário que seja feito um trabalho educativo no sentido de estimular o respeito ao próximo (os adversários, principalmente) e o controle da agressividade. Durante o treino, por exemplo, os alunos conseguem ter um equilíbrio emocional e técnico maior. Mas em uma situação de ansiedade e estresse, como uma competição, nem sempre conseguem aplicar o que foi aplicado no treino. Este é um trabalho que não pode ser feito isoladamente por um professor; pois inicia-se (ou deveria ser iniciado) no âmbito familiar, sendo posteriormente reforçado na escola. Mas um fator muito relevante, sem dúvida, é o interesse e individualidade do próprio aluno.

Em relação à mudança de rendimento escolar ou não dos alunos após iniciarem os treinos, o professor afirma não ter esse diagnóstico. O que fica claro para ele é que existe uma certa mudança comportamental: alguns se tornam mais “maleáveis”, mais interessados nas aulas, de acordo com suas palavras. Em contrapartida, também admite que são necessárias várias

negociações com a escola; pois em período pré-competitivo, às vezes é preciso que o aluno se ausente de algumas aulas:

A gente percebe que existe uma mudança de comportamento para melhor, pode ter certeza disso. Eles se tornam um pouquinho mais maleáveis, se tornam um pouquinho talvez mais interessados nas aulas. Mas na verdade, em contrapartida, eu não tenho esse diagnóstico de se ele melhora no rendimento escolar em termos de notas. Por que eu enfrento problemas na época de jogos, na época pré-competitiva, principalmente de alunos que precisam sair da sala de aula e há essa divergência entre as diversas partes interessadas e aí complica. Eu acho que também complica na questão do rendimento deles. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

O diálogo e a negociação são essenciais neste aspecto tão delicado. Por um lado, a prática esportiva não deve prejudicar os outros aspectos da vida escolar. Por outro, se a própria escola e a Secretaria de Educação ofertam as oficinas esportivas, devem disponibilizar tempo e espaço adequados para que a atividade aconteça de forma efetiva. Apesar do esporte escolar não ter como prioridade o alto rendimento, o trabalho integrado de uma equipe multidisciplinar talvez pudesse trazer benefícios para a escola, para o aluno, e mais efetividade para o trabalho do professor. Uma equipe que contasse com trabalho nutricional, o trabalho psicológico, o trabalho técnico, o trabalho de condicionamento físico, definiria melhores resultados, segundo o professor entrevistado. O que acontece na prática, porém, é que acaba sendo um trabalho isolado. O professor de treinamento esportivo de certa forma atua como um intermediador de todas essas valências; pois apesar de não ser nutricionista ou psicólogo esportivo, por exemplo, durante a sua formação muitas vezes o profissional de Educação Física constrói uma base sobre esses aspectos.

Em relação especificamente ao período letivo durante a pandemia do COVID-19, diversos cuidados e o distanciamento social se fizeram necessários. As aulas, como já mencionado, aconteciam de forma remota e as oficinas de treinamento esportivo precisaram ser suspensas temporariamente. O professor então continuou a ter contato com esses alunos, mas desta vez apenas como alunos da disciplina Educação Física e não como atletas. Ele destaca que não faz distinção entre alunos do treinamento e alunos regulares da disciplina Educação Física.

Durante o período de aulas remotas, as atividades práticas estiveram mais limitadas. Portanto, houve uma quantidade de horas maior dedicadas à conteúdos mais teóricos. Se por um

lado pôde-se esmiuçar um pouco mais esses conteúdos, e propor outros novos; por outro a avaliação da aprendizagem se tornou mais complexa: o que o aluno conseguiu produzir? Como ele construiu esse aprendizado? O aluno conseguiu construir conhecimento de fato ou estava apenas reproduzindo? Qual o nível e qual a melhor maneira de avaliar?

Então o que a gente percebe muito é que para o aluno, no início do processo, houve um choque, e com o tempo ele foi se adequando. Mas ao mesmo tempo que ele foi se adequando (aqueles que conseguiam interagir via online, claro) ele também foi criando certos artifícios para que fosse apenas um reproduzidor de conteúdo. Um reproduzidor de atividades copiadas. Ele foi buscando ferramentas para não se envolver muito com o ensino e a aprendizagem. Ele apenas começou a reproduzir conteúdos que muitas vezes nem sequer tinha noção do que era. Cópias, fazendo cópias. Isso é o que pesou, essa questão. O perfil do aluno no início da pandemia é uma coisa. Durante é outra. Então ele foi evoluindo negativamente, porque esse aluno foi criando mecanismos para não produzir conhecimento. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

Em um ano letivo comum, no período em que esta entrevista foi realizada (setembro) os alunos atletas e não atletas normalmente estariam motivados, preparando-se para as competições. Devido à pandemia, porém, no presente ano de 2021, o cenário é outro. Com as competições adiadas, a motivação e o engajamento dos alunos de forma geral foram extremamente baixos. O professor entrevistado justifica esse aparente desânimo da seguinte maneira:

Eles sabem que as competições não virão, então o trabalho de motivação praticamente não existe quase nada. Para eles é desmotivante, né? Por que na verdade, quando você treina uma modalidade, o objetivo não é apenas treinar por treinar, ou treinar para melhorar a sua saúde ou condicionamento físico. É competir. E não havendo competição não há motivação. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

Ao ser convidado a fazer o exercício de refletir sobre as perspectivas do esporte escolar em um contexto pós-pandemia, ele acredita que a normalização será gradual e irá demorar bastante ainda. Em sua narrativa, existe uma preocupação especialmente em relação ao aspecto emocional dos alunos:

Então a gente não sabe como será, essa perspectiva eu não tenho de como será o perfil desse aluno pós pandemia. Por que a gente não sabe como ele está em termos de emoções, em que equilíbrio ele se encontra. Então é esperar as coisas irem retornando aos poucos, e a gente ir tentando ajustar várias situações. Por que é um conjunto de ações que a escola toda vai precisar participar. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

Ele acredita que o excesso de expectativa e ansiedade seja prejudicial e receia uma grande descarga emocional quando as atividades finalmente retornarem à normalidade de forma integral. Quando questionado sobre o que, na sua visão, um professor poderia fazer no sentido de preparar-se para este possível cenário, ele admite não ter uma resposta exata, considerando que nem sempre é possível prever e/ou administrar todas as situações:

[...] a gente nunca vai estar preparado para todas as situações, a gente tem uma experiência que vai nos dar uma base de como agir em determinadas situações. Em outras a gente pode errar ou pode acertar. Como também pessoas sem experiência podem acertar e a gente que tem mais experiência errar. Então depende muito. Depende muito também da nossa visão de aluno, da nossa visão de escola, da nossa visão de profissional, da nossa visão de mundo. *(Informação verbal fornecida pelo professor entrevistado)*

Aqui depreende-se que a forma como um professor enfrenta possíveis desafios também deve ser levada em consideração; e que a experiência é importante, porém não é garantia de infalibilidade, especialmente diante de um momento tão atípico como este.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo de caso, considera-se que as hipóteses levantadas a princípio provaram-se legítimas. De fato, percebe-se neste retorno às aulas presenciais que os alunos/atletas apresentam-se de certa forma desmotivados pela ausência das atividades esportivas coletivas e competições. Outros, apresentam-se ansiosos pela volta à normalidade. Porém, a pandemia ainda não acabou, e provavelmente ainda levará algum tempo para que essa normalidade de fato aconteça.

No momento, existe o contato com o aluno enquanto discente da disciplina Educação Física. Como esse aluno estará na qualidade de atleta ainda não é possível avaliar. Contudo, o objetivo deste artigo foi justamente tentar fazer esse exercício de se planejar para saber qual a melhor forma de acolher esse aluno/atleta quando o momento chegar. Conclui-se que o mais importante nesta retomada com as aulas híbridas (e posteriormente 100% presenciais) é cuidar principalmente da saúde emocional da equipe escolar como um todo. Quanto aos alunos/atletas ainda existe o

agravante de serem adolescentes, e, portanto, ainda estarem em fase de consolidação da identidade e aprendendo a lidar e compreender as suas emoções. Este aspecto abre espaço para novos estudos sobre o assunto.

Mesmo com toda sua experiência, o professor entrevistado tem humildade em admitir que não é possível prever todas as situações, que todos são passíveis de erros e acertos e que inclusive alguém com menos experiência pode propor uma estratégia inovadora e acertada.

Professores e alunos, treinadores e atletas não serão os mesmos. Para enfrentar e superar os efeitos adversos dessa crise pandêmica no âmbito da educação, não será suficiente uma ação isolada, mas é necessária uma ação conjunta envolvendo corpo docente, gestão, alunos e atletas.

REFERÊNCIAS

BAHIA, C. S. A.; REIS, I. S.; SANTOS, C.A.; LIMA, J. F. M.; QUINAUD, R. T.; GALATTI, L.R. “**Jogos escolares da rede pública do estado da Bahia: análise das edições de 2009 a 2017**”. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jpe/a/CSPkJhn8pwKwZ344gHh5KJj/?lang=pt>>, Acesso em: 28 de out. de 2021.

BAHIA. **Protocolo de Biossegurança da Fase Híbrida** - Roteiro de Formação, 2021. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/fasehibrida>>, Acesso em: 28 de out. de 2021.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2 nº 1 (3), p. 68-80. Janeiro-julho/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>, Acesso em: 07 de set, 2021.

DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y. 2000. **The discipline and practice of qualitative research**. In: N.K. DENZIN e Y.S.LINCOLN (eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, SagePublications, p. 1-28.

DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. ; MINAYO, M. C. S. (Organizadora). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Vozes. Petrópolis: RJ,1994. 96 páginas.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991. 192 páginas.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. “A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. Educativa - Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais”, 1999. Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>, Acesso em: 01 de set. 2021.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 224 páginas.

RIBEIRO, E. A. “**A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**”. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, n° 04 , p. 129-148. Araxá/MG, 2008.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R.S. “**Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo**”. Brasília, 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/278966294_Competicoes_pedagogicas_e_festivais_esportivos_questoes_pertinentes_ao_treinamento_esportivo> Acesso em: 28 de setembro de 2021.

SELAU, M. S. “História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais”. **Revista Esboços**, n° 11, s/d.